

5.

Conclusão

A tradução não se vê, como a obra de arte verbal, por assim dizer, na floresta interna da língua; mantém-se fora desta, frente a ela e, sem a penetrar, convoca o original para nela ingressar no único lugar onde o eco pode dar a ouvir a obra da língua estrangeira em sua própria língua. Sua intenção se dirige a outro objeto que não apenas o da obra de arte verbal, a saber, a uma língua em sua totalidade.

Walter Benjamin

A autoridade do passado para o presente é uma experiência perdida. Ainda assim, continuamos a nos referir aos conceitos tradicionais, seja para nos contrapormos a eles, seja para tomá-los como herança com a qual devemos aprender a nos relacionar de modo novo. No fim da tradição Hannah Arendt via como um problema a ser enfrentado o fato de que “os pilares das verdades mais bem conhecidas” e que “hoje estão despedaçados”³⁵⁶, em vez de perderem seu poder, ainda se apresentam como “as moedas” com as quais se avaliam todas as experiências. Assim, a tarefa compreensiva torna-se ainda mais difícil, pois se ainda valoramos o mundo com essas “moedas”, elas não têm lastro de autoridade suficiente para lançar alguma luz que nos oriente. Em seu ensaio dedicado a Lessing, Hannah Arendt afirma que:

Desde a Revolução Francesa as pessoas repetidamente vêm reerguendo os velhos pilares que haviam sido então derrubados, apenas para novamente vê-los de início oscilar e a seguir ruir outra vez mais. Os erros mais terríveis substituíram as “verdades mais bem conhecidas”, e o erro dessas doutrinas não constitui nenhuma prova, nenhum novo pilar para as velhas verdades.³⁵⁷

³⁵⁶Hannah Arendt, *Homens em tempos sombrios*, p.19

³⁵⁷Hannah Arendt, *Homens em tempos sombrios*, p.20

As ruínas desses pilares são as categorias gerais que subordinaram os casos particulares ao do longo da história pensamento ocidental. Ao escrever as vidas de pessoas específicas, Hannah Arendt abre um caminho em que a apreciação do que é singular talvez possa nos trazer alguma compreensão e até, de certa forma, a universalidade. O pensamento, para tanto, precisa ser mais reflexivo e abrir mão de determinar os objetos sobre os quais se debruça. Por isso, ao produzir seus ensaios biográficos, Hannah Arendt lança um olhar capaz de apreciar a verdade em cada caso singular, abrindo uma outra dimensão para o pensamento que não está nem fora do mundo, nem nos conteúdos mentais, nem somente em seus biografados, está na linguagem. Mas nas imagens da linguagem. Os textos em questão apelam também à capacidade perceptiva de quem os lê, na medida em que ao correr os olhos por suas linhas, esses olhos não vêem apenas, também são vistos, pois por seu forte caráter imagético a escrita não retira o leitor do círculo da imaginação que é, ela mesma, um “pensamento de ver”³⁵⁸.

Já afirmamos a importância que as distinções têm no pensamento de Hannah Arendt, pois através delas a autora recupera significados que foram perdidos na corrente histórica da tradição. O resgate do sentido originário da ação humana é, provavelmente, o mais frequente tema em sua obra. O ato é intangível, um momento fugaz, irreversível, imprevisível e, devido a essas características, foi negado pelo pensamento ocidental, que se organizou sobre a estabilidade de um fundamento permanente: o ser imutável e eterno. Desde o início de nossa tradição filosófica as ações perderam sua identidade própria e foram qualificadas como um meio para a obtenção de um fim, o que seria, de acordo com a definição arendtiana, uma operação própria da fabricação. Com essa interpretação instrumental da ação perdia-se de vista que ao agir os homens mostram sua potencialidade para o novo e revelam sua identidade única ao se destacarem dos demais através de palavras. De acordo com Hannah Arendt, a revelação do agente só pode acontecer no mundo fático, no espaço da aparência, pois por sua “tendência intrínseca de revelar o agente juntamente com o ato, a ação requer, para sua plena manifestação, a luz intensa que outrora tinha o nome de glória e que só é possível na esfera pública”.³⁵⁹

³⁵⁸ Maurice Merleau-Ponty, *O visível e o invisível*, p.39.

³⁵⁹ Hannah Arendt, *A condição humana*, p.193.

Entretanto, ao apreciarmos os perfis biográficos escritos por Hannah Arendt apresentamos a idéia de que a revelação do homem que age também está presente em uma obra, produto da fabricação. Assim, uma vez que se trata de uma tese dedicada ao pensamento arendtiano, corremos o risco de contradizer a própria Hannah Arendt. Mas como negar, depois de ler os ensaios de *Homens em tempos sombrios*, que a revelação daquelas pessoas habita também a narrativa? A diferença está no modo de habitação. A revelação que pleiteamos para o relato acontece de maneira diferente daquela do espaço público. Ela se dá na linguagem escrita, através da *mimesis*.

Se o ato é nascimento, origem que irrompe, sua *mimesis* cria a criação. Aqui a própria Hannah Arendt é performática, pois coloca em prática sua teoria da revelação ao escrever esses retratos. Neles não elimina o imprevisível da vida, nem atenua a dor e o sofrimento, traz para o texto o caráter incontrolável que emerge de toda ação, o risco de acarretar o que há de inevitável na existência. Há, ainda, questões clássicas para a filosofia que atravessam cada linha desses textos: como pensar a universalidade sem perder de vista o que há de próprio no particular, como compreender a revelação humana sem abandonar a singularidade de cada revelação pessoal, como se relaciona a ideia de revelação do agente com suas expressões específicas, ou seja, como se relaciona a ideia do ser com suas manifestações fenomênicas?

As respostas para tais questões não são simples, nem podem ser dadas de fora dos ensaios; estão no encontro com os textos, numa região que está “além da objetividade e aquém da subjetividade”.³⁶⁰ Cada revelação que se dá nos ensaios biográficos revela que há revelação no mundo, pois a pessoa revelada não é um envio para si mesma, nem é apenas um envio para o outro, mas para o aparecer, para a existência. O texto arendtiano revela esse envio na linguagem. Tomemos o ato e a escrita como línguas distintas. Hannah Arendt faz a tradução da língua-ato para a língua-escrita e descobre nelas analogias, procura ali uma intimidade arcaica, uma relação íntima. Se o ato é fugaz, passa, a escrita que pretende mimetizá-lo deve incorporar essa experiência passageira. No entanto, ao seguir os acontecimentos, o texto não é cópia; assim como a ação é uma atividade autônoma, também o texto que a incorpora deve pretender ser o exercício de si

³⁶⁰ Martin Heidegger, *Marcas do caminho*, p.113.

mesmo. Por isso, a noção de originalidade nessa tradução não está nem na língua-ato, nem na língua-escrita, mas na linguagem, ou como diria Walter Benjamin, numa língua maior, já que “do mesmo modo que os cacos tornam-se reconhecíveis como fragmentos de um mesmo vaso, assim também original e tradução são fragmentos de uma língua maior”.³⁶¹

Há aqui forte influência de Benjamin e de sua teoria da linguagem. Em um texto de 1916 *Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana* ele defende a idéia de que a linguagem teve um dia a transparência e a pureza imediata do nome – “a mais íntima essência da linguagem”³⁶² - sem que precisasse do verbo para formar frases, pois não comunicava conteúdos mentais, nem estava restrita a um código de significantes e significados, apenas mostrava nomeando. Essa língua imediata, pura, se perdeu e nós vivemos a nostalgia da transparência das palavras. Assim como o ato heróico na antiguidade conclamava o poeta a relatá-lo para ser imortalizado, em tempos sombrios o ato em sua mudez pede um tradutor. Mas a fidelidade dessa tradução está menos na repetição fidedigna do ato e mais em sua complementação na linguagem.

O valor da fidelidade (...) consiste precisamente em que na obra se exprima a grande aspiração à complementação da língua. A verdadeira tradução é transparente, não oculta o original, não o ofusca, mas faz com que caia tanto mais plenamente sobre o original, como se forçada pelo seu próprio meio, a língua pura.³⁶³

Diremos, então, que a tarefa de Hannah Arendt foi resgatar na língua-escrita a língua pura, “a essência linguística”³⁶⁴ da língua-ato. Sua narrativa é poética justamente porque não pretende comunicar o ato, mas sim revelar aquilo que o excede. Nos ensaios ela extrai das ações a poesia da língua pura, re-poetizando o ato. Assim, tanto texto quanto ato tendem para uma possível comunhão na linguagem, no universal. Foi também Benjamin que afirmou ter o homem “a capacidade suprema de produzir semelhanças”.³⁶⁵ As correspondências próprias do mundo natural despertaram no homem a faculdade mimética, que

³⁶¹ Walter Benjamin, *A tarefa do tradutor*, p.13.

³⁶² Walter Benjamin, *Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana*, p.179

³⁶³ Walter Benjamin, *A tarefa do tradutor*, p.26.

³⁶⁴ Walter Benjamin, *Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana*, p.178.

³⁶⁵ Walter Benjamin, *Magia e técnica, arte e política*, p.108

sofreu alterações no curso do tempo. A capacidade de perceber as semelhanças era o que um dia o homem pôde fazer: ler as coisas antes que a palavra fosse leitura. Tal possibilidade não desapareceu, mas migrou gradativamente para a linguagem falada e escrita produzindo nelas “um arquivo completo de semelhanças extra-sensíveis.”³⁶⁶ Por isso a linguagem é o lugar privilegiado do ser “em que as coisas se encontram e se relacionam”.³⁶⁷ As semelhanças extra-sensíveis aparecem nos retratos traçados por Hannah Arendt através do ritmo comum entre escrita e ato. Nessa comunhão a palavra sonora se reúne à palavra escrita na busca por uma cadência comum tanto quando foram escritas quanto a cada vez que são lidas.

*Homens em tempos sombrios*³⁶⁸ é uma coletânea no sentido literal do termo: coletar é escolher e destacar guardando. As histórias narradas são fragmentos de um mundo que sempre já nos chega partido, por isso elas são instantâneos que em suas alusões a imagens se furtam à plena visibilidade, ao conhecimento puro: “Pensar não inclui apenas movimento das idéias, mas também sua imobilização. Quando o pensamento pára, bruscamente, numa configuração saturada de tensões, ele lhes comunica um choque através do qual essa mobilização se cristaliza”³⁶⁹ escreveu Benjamin em uma de suas teses sobre o conceito de História. Diante do declínio da experiência, ou do fim da tradição, não há escolha senão afirmar nossa precariedade e fazer dela ocasião para uma construção possível.

As sombras não sobrevivem na completa escuridão; na paisagem desolada do mundo moderno Hannah Arendt deixou-se capturar pela luz dessas vidas que ardia discretamente. Nas histórias que contou falam essas luzes tímidas, mostram elas os tempos sombrios.

³⁶⁶ Idem, p.112.

³⁶⁷ Idem, p.112

³⁶⁸ O texto dedicado a Karl Jaspers que não consta no livro integra, no entanto, essa coletânea no sentido apostro.

³⁶⁹ Walter Benjamin, *Magia, arte, técnica e política*, p.231.